

Um testemunho

Teresa Cid

FLUL; CEAUL/ULICES

É para mim especialmente grato poder acrescentar umas breves palavras ao presente gesto de celebração de um período da história da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da minha história pessoal marcado pela figura de Fernando de Mello Moser. Uma instituição que desconheça ou esqueça a sua história, que não saiba fazer dela o uso necessário à sua continuidade como entidade viva, que não perceba que o passado está sempre presente e que a compreensão disso mesmo é factor de maior e melhor futuro seria uma instituição empobrecida. E isso é algo que a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa não pode, não deve e, sobretudo, não quer ser.

Note-se que estas minhas palavras não serão palavras de tributo final a Fernando de Mello Moser, visto que esta figura fundacional dos Estudos Anglísticos na Universidade de Lisboa continuará a receber de formas diversas o reconhecimento que indubitavelmente merece, destacando-se a que se reflecte na prática de investigação e ensino praticada na nossa casa, a casa das Humanidades na ULisboa.

Fernando de Mello Moser começou por ser para mim a figura do professor, exemplar na sua capacidade de transmissão de saber e de incentivo a percursos de indagação própria por parte dos alunos.

Tive depois o privilégio de ser convidada a leccionar ainda como aluna finalista, na qualidade de monitora, duas disciplinas do curso de Filologia Germânica, uma delas, a de História da Cultura e das Instituições Inglesas, pela qual era responsável precisamente Fernando de Mello Moser.

Nunca esquecerei o que com ele nessa altura aprendi: a generosidade no acompanhamento dos docentes em início de carreira, a elegância e a delicadeza na forma como discretamente ia chamando a atenção para o que havia a melhorar, o sentido de responsabilidade que nos mais novos cultivava, pelo modo como lhes atribuía tarefas, não apenas de ensino, mas também de avaliação, partilhando opiniões e discutindo opções, tantas vezes por recurso a uma forma acolhedora de comunicação, ou seja, ao contar de histórias passadas sobre momentos interessantes do seu ofício como professor.

A sua abertura à escolha de caminhos pessoais por parte dos mais jovens manifestou-se, para mim de forma exemplar, no modo como acolheu a minha passagem para a área da americanística. Não sendo a sua área de estudo privilegiada, nela encontrava, todavia, motivo de interesses diversificados. Entre eles, encontra-se um autor menos canónico, cuja escrita se colocara muito próxima de um quotidiano nova-iorquino das décadas de vinte e trinta do século XX, de índole marcadamente popular e, por vezes, quase marginal, o quotidiano do *little man*, sem poder económico ou social de relevo, mas cheio de imaginação e ternura pelo mundo. Foi o vir a saber desse seu apreço que conduziu à escrita do meu primeiro ensaio, sobre Damon Runyon, inserido num anterior volume de homenagem oportunamente publicado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Como orientador inicial da minha tese de doutoramento, tarefa só interrompida pela doença que lhe sobreveio, mostrou-se novamente aberto e exigente, praticando o que definia como sendo a tarefa de “advogado do diabo”, ou seja, obrigando os seus orientandos a repensar opções de investigação, a autoquestionar-se como forma inicial de questionação do outro que o objecto de investigação a explorar, no meu caso o texto literário, sempre é.

Figura seminal dos Estudos Anglísticos, quer a nível do departamento criado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa depois

de 1974, quer a nível nacional, pelo papel desempenhado na criação da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (APEAA), de que foi o primeiro presidente, mostrou sempre entender o papel do docente universitário como o de alguém capaz de construir espaços alargados de maior comunicação e entendimento, assim promovendo a criação de uma comunidade de interesses, onde a partilha de opiniões e saberes se possa fazer de forma alargada, democrática e, por isso mesmo, especialmente produtiva, aquela que possa ser efectivamente factor de construção de um futuro promissor.

Finalizo, assinalando o facto de que, além das áreas de especialização em que deixou um contributo essencial quer a nível nacional quer internacional – e são muitas, como ao longo deste volume é bem assinalado –, Fernando de Mello Moser nos deixou um legado adicional: o exemplo de um homem para quem as Humanidades foram realmente atenção ao humano, nas suas várias expressões textuais e de vivência. É essa a outra vertente do legado que os que o conheceram e com ele aprenderam transportam consigo. É todo este legado que, espero, possamos continuar a passar às gerações mais novas, para que, não apenas através do que Fernando de Mello Moser escreveu, mas também através do modo como nos colocamos no ensino e na investigação, possamos, assim, continuar a sentir a sua presença.